

Aula 004 – A travessia do Rio Jordão – Josué 4:1-24.

Josué – Capítulo 4

1 Tendo, pois, todo o povo passado o Jordão, falou o SENHOR a Josué, dizendo:

2 Tomai do povo doze homens, um de cada tribo,

3 e ordenai-lhes, dizendo: Daqui do meio do Jordão, do lugar onde, parados, pousaram os sacerdotes os pés, tomai doze pedras; e levai-as convosco e depositai-as no alojamento em que haveis de passar esta noite.

Antes que os sacerdotes levando a arca pudessem abandonar seu posto e depois que toda a nação acabou de atravessar o Jordão. O Senhor disse a Josué; repetindo a ordem dada e registrada em 3.12: Doze homens (...) um de cada tribo (Rúben, Simeão, Levi, Judá, Zebulom, Issacar, Dã, Gade, Aser, Naftali, Benjamim, Manassés e Efraim), devem ser escolhidos. Ordena-se a esses homens que apanhem aqui, do meio do Jordão, doze pedras que serão levadas ao acampamento do outro lado. Descreve-se Josué como estando no lugar exato de onde as pedras devem ser tiradas. Ou seja, do lugar onde os pés dos sacerdotes ficaram firmes ou seja no meio do rio.

4 Chamou, pois, Josué os doze homens que escolhera dos filhos de Israel,

5 um de cada tribo, e disse-lhes: Passai adiante da arca do SENHOR, vosso Deus, ao meio do Jordão; e cada um levante sobre o ombro uma pedra, segundo o número das tribos dos filhos de Israel,

6 para que isto seja por sinal entre vós; e, quando vossos filhos, no futuro, perguntarem, dizendo: Que vos significam estas pedras?,

O monte de pedras seria um testemunho do poder de Deus e Sua fidelidade em levar todo Israel de volta à Terra Prometida. Tanto o Antigo Testamento, como a arqueologia, testificam do frequente uso de pedras levantadas e montes de pedras como monumentos para comemoração da manifestação de Deus (Gn 28:18; 35:14), votos ou alianças (Gn 31:45-53; Is 24:26), acontecimentos sobrenaturais (I Sm. 7:10-12), ou mesmo em homenagem de parentes ou tribos (Gn 35:20; Êx 24:4).

Um altar se fosse construído de pedras toscas (Êx 20: 25), serviria para os mesmos propósitos (Is 19:19; Is 22:10, 26-34; cons. Gn 12; 7; 26:24, 25 ; 35:1, 3, 7; Êx. 17:15; Dt. 27:1-8 ; Is. 8:30-35). Por que pedras toscas? A única glória que pode haver no altar é a glória da presença do próprio Deus, a glória do altar é possuir a Glória de Deus. Deus é a única e suficiente beleza, a única e suficiente atração, é a única e suficiente riqueza de seu altar. Não são necessários subterfúgios, não são necessários adornos. Nada além de Deus é preciso para tornar o altar o melhor, o mais agradável, o mais desejável, entre todos os lugares que existem simplesmente pelo fato de Ele estar presente ali para comungar com seus filhos. Quando estamos perante o altar de Deus, nada, absolutamente nada mais importa a não ser a presença do Senhor. Se está frio ou está quente, se é confortável ou desconfortável, se está de pé ou sentado, se o local está cheio ou vazio, nada importa. Tudo deixa de ser importante perante a Absoluta Importância, a Absoluta Dignidade. No altar de Deus as pedras são brutas e a madeira da cruz não aparelhada, o rosto sem maquiagem, a alma sem véu.

7 então, lhes direis que as águas do Jordão foram cortadas diante da arca da Aliança do SENHOR; em passando ela, foram as águas do Jordão cortadas. Estas pedras serão, para sempre, por memorial aos filhos de Israel.

Josué cumpre a ordem divina chamando os doze homens já escolhidos. Nos v. 4-5 a atenção volta-se mais uma vez para a participação das doze tribos nessa cerimônia. O lugar do qual as pedras devem ser buscadas é descrito como o meio do Jordão, no lugar onde está a arca do Senhor, Deus de vocês. O papel da arca é crucial. Para indivíduos orientais habituados ao uso de simbolismos, a ação ordenada dificilmente carecia de mais esclarecimentos. Apesar disso, a narrativa apresenta uma explicação imediata, mostrando assim a grande importância que o memorial teria para as gerações futuras. As pedras serão um sinal entre vocês. A palavra “sinal” aqui é usada como “memorial”. O sinal estará entre vocês; terá função ativa, não remota nem inoperante. Seu propósito fundamental está no futuro: quando mais tarde os seus filhos lhes perguntarem. A linguagem lembra Êxodo 12.26-27; Deuteronômio 6.20-25. Os atos salvadores de Deus em favor do seu povo devem ser perpetuados na memória das gerações futuras. O sentido imediato da ordenança parece ser o da geração atual, mas claro está que se tem em vista bem mais do que só o futuro imediato. A explicação que os pais deverão dar aos filhos a respeito do significado das pedras memoriais reporta-se resumidamente ao grande milagre do represamento das águas diante da arca da aliança. A arca é, precisamente, o símbolo da aliança do Senhor. Desse modo, toda a luz é lançada sobre o significado redentor do evento. Não se tem em vista a mera recordação de um milagre. O milagre deve ser visto como uma

expressão da fidelidade da aliança. Ao repetir a referência à abertura das águas, a explicação salienta o seu tremendo significado. O propósito de erigir as pedras é finalmente sintetizado na palavra “memorial”. Em hebraico, a noção de lembrança é mais do que trazer à memória. Envolve lembrança e interesse, além de envolver a reflexão afetuosa e um nível de ação correspondente, quando necessário. (Ver Jr 2.6-7, a negligência desse dever da parte de Israel.).

8 Fizeram, pois, os filhos de Israel como Josué ordenara, e levantaram doze pedras do meio do Jordão, como o SENHOR tinha dito a Josué, segundo o número das tribos dos filhos de Israel, e levaram-nas consigo ao alojamento, e as depositaram ali.

9 Levantou Josué também doze pedras no meio do Jordão, no lugar em que, parados, pousaram os pés os sacerdotes que levavam a arca da Aliança; e ali estão até ao dia de hoje.

Quanto a isso, o versículo 9 acrescenta ainda a informação da construção do monumento de doze pedras no leito do próprio rio, no ponto em que a arca havia ficado durante a travessia. O memorial que será levantado é, portanto, visto como um lembrete daquilo que o Senhor havia feito por meio da sua arca, realizando o milagre da travessia. Dá-se o devido destaque ao fato de que apanharam doze pedras do meio do Jordão e que isso foi feito conforme o número das tribos dos israelitas, o que também está expresso no fato de que a história fala dos israelitas que fizeram como Josué havia ordenado, quando na realidade dos fatos a delegação de doze homens de Israel foi que realizou a tarefa. O versículo 9 menciona ainda outras pedras que Josué erigiu (...) no meio do Jordão. A vista do fato de que na narrativa o papel da arca na travessia é destacado com tanta consistência, não surpreende que o lugar exato em que pousaram os pés dos sacerdotes durante a travessia devesse também receber um memorial. O autor registra que essas pedras estão lá até este dia. É provável que as pedras aqui descritas pudessem ser vistas quando o Jordão estivesse no período de seca.

10 Porque os sacerdotes que levavam a arca haviam parado no meio do Jordão, em pé, até que se cumpriu tudo quanto o SENHOR, por intermédio de Moisés, ordenara a Josué falasse ao povo; e o povo se apressou e passou.

11 Tendo passado todo o povo, então, passou a arca do SENHOR, e os sacerdotes, à vista de todo o povo.

Agora se dá atenção para os detalhes da travessia. Mais uma vez, a narração preocupa-se em destacar o papel central da arca na travessia. Os sacerdotes que transportavam a arca permaneceram em pé no meio do Jordão. No meio tempo, o povo teve a oportunidade para realizar as instruções de Josué, que

ele recebera do Senhor. Essas instruções também se conformavam a tudo o que Moisés havia ordenado a Josué.

As palavras “e o povo se apressou” podem, também, ser traduzidas por “e o povo atravessou rapidamente”. Tudo ocorreu sem obstáculos e completou-se num curto espaço de tempo. O versículo 11 indica que os sacerdotes saíram do rio logo que todo o povo terminou de atravessar. As palavras todo o povo correspondem a todo o Israel

12 Passaram os filhos de Rúben, e os filhos de Gade, e a meia tribo de Manassés, armados, na frente dos filhos de Israel, como Moisés lhes tinha dito;

13 uns quarenta mil homens de guerra armados passaram diante do SENHOR para a batalha, às campinas de Jericó.

A participação das tribos de Rúben, de Gade e da meia tribo de Manassés, e o fato de irem à frente dos (outros) israelitas, é mais uma característica do argumento “todo o Israel”. Eles marcharam em formação e equipados para a guerra, as duas expressões antecipam as batalhas que deverão ser travadas com a população nativa. Mais uma vez, o autor procura associar essa participação das tribos que passaram o rio Jordão, àquelas em que Moisés havia comandado Josué. Nesse relato indica que o número de guerreiros se limitou a quarenta mil na investida contra Jericó. Ver em Números 26 o total de Rúben e Gade, cuja contagem de cada um deles excede esse número.

14 Naquele dia, o SENHOR engrandeceu a Josué na presença de todo o Israel; e respeitaram-no todos os dias da sua vida, como haviam respeitado a Moisés.

A ligação entre Moisés e Josué, já feita no versículo precedente, é fortalecida ainda mais nesse ponto. O milagre da travessia é o momento em que engrandeceu Josué perante todo o Israel, e eles o temeram como temeram Moisés. O paralelo com a posição de Moisés depois da travessia do mar Vermelho é impactante (cf. Ex 14.31b). Josué, assim como Moisés, é recebido como o porta-voz autorizado da parte de Deus. O temor e o respeito que o povo sentia por Moisés são transferidos para Josué.

15 Disse, pois, o SENHOR a Josué:

16 Dá ordem aos sacerdotes que levam a arca do Testemunho que subam do Jordão.

17 Então, ordenou Josué aos sacerdotes, dizendo: Subi do Jordão.

18 Ao subirem do meio do Jordão os sacerdotes que levavam a arca da Aliança do SENHOR, e assim que as plantas dos seus pés se puseram na terra seca, as águas do Jordão se tornaram ao seu lugar e corriam, como dantes, sobre todas as suas ribanceiras.

Conclui-se, aqui, a narrativa da subida da arca do leito do Jordão. O foco cai, novamente, sobre a arca, denominada, então, de a arca do testemunho. A palavra traduzida como “testemunho” significa também “lembrete”. A arca continha o testemunho (Ex 31:18), ou seja, as tábuas da aliança (ver também Ex 27.21; Lv 24.3). Foi a arca desse testemunho, que devia agora ser tirada do Jordão, carregada pelos sacerdotes, que tinha dirigido majestosamente a travessia. A retirada da arca para fora do Jordão é igualmente descrita em termos tão dramáticos quanto aos da sua aproximação do Jordão. O mesmo esmero e a mesma composição de efeitos são usados. Assim é que Josué, ao receber a ordem divina, determina que os sacerdotes saiam do rio. Quando os sacerdotes (...) subiram do leito do Jordão, logo que os pés dos sacerdotes pisaram a terra seca as águas do Jordão voltaram ao seu lugar. A lição deveria ser transmitida à posteridade por meio dessa narrativa maravilhosa.

19 Subiu, pois, do Jordão o povo no dia dez do primeiro mês; e acamparam-se em Gilgal, do lado oriental de Jericó.

O povo saiu do Jordão no décimo dia do primeiro mês. Essa informação liga o evento da travessia com a escolha do cordeiro pascal (**Êxodo 12:3**), ocorrida antes da travessia do mar Vermelho. A celebração da primeira páscoa coincidirá, portanto, com a celebração da entrada na Terra Prometida. A cidade de Gilgal, onde os israelitas montaram acampamento, é identificada ao leste de Jericó, entre a cidade e o Jordão.

20 As doze pedras que tiraram do Jordão, levantou-as Josué em coluna em Gilgal.

21 E disse aos filhos de Israel: Quando, no futuro, vossos filhos perguntarem a seus pais, dizendo: Que significam estas pedras?

22 fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em seco este Jordão.

23 Porque o SENHOR, vosso Deus, fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que passásseis, como o SENHOR, vosso Deus, fez ao mar Vermelho, ao qual secou perante nós, até que passamos.

24 Para que todos os povos da terra conheçam que a mão do SENHOR é forte, a fim de que temais ao SENHOR, vosso Deus, todos os dias.

O capítulo retorna, agora, ao tema principal com o relato de que as doze pedras que eles tinham tirado do Jordão, Josué as erigiu em Gilgal. O fato de registrar pela segunda vez a resposta que os pais devem dar aos filhos com relação a esse memorial de pedras deixa clara a grande importância dessa cerimônia. Os homens devem ensinar aos filhos: Em terra seca Israel atravessou este Jordão. Deve-se assumir que também se tinha em mente outros detalhes da travessia. Além disso, o relato é escrito não somente para o benefício dos contemporâneos de Josué, mas visa também àqueles que em época bem posterior, e quase sempre em circunstâncias bem diferentes, precisariam dessa lembrança dos poderosos atos de Deus. A passagem tem de apresentar uma identificação entre o Israel dos dias de Josué e o Israel dos últimos dias, inclusive nossos próprios dias. O versículo afirma claramente que o Senhor, o Deus de vocês, secou as águas do Jordão diante de vocês, mas o “vocês” aos quais ele se dirige incluirão também as futuras gerações de questionadores. Depois desse lembrete da obra contínua de redenção realizada por Deus (a celebração mar Vermelho-Jordão-futuro), o alcance desse evento é ampliado para incluir todo o povo da terra. O milagre do Jordão tem como propósito que todo o povo da terra saiba que a mão do Senhor é forte. Deus, conforme a ênfase penetrante do AT, realiza os seus atos diante do fórum dos povos. Na verdade, Moisés menciona tal fato quando o Senhor está determinado a destruir Israel (Nm 14.13-19). Essa ênfase é muito forte em Ezequiel. A mão forte do Senhor também estava evidente nas maravilhas do êxodo (Êx 3.19; 6.1; 13.9; Dt 6.21; 7.8; 9.26); assim, outra ligação entre os dois eventos é estabelecida deliberadamente. Quando entre as nações houver o reconhecimento de que a mão do Senhor é forte, Israel também temerá ao Senhor, o Deus de vocês, todos os dias. No AT, o “temor do Senhor” é a expressão mais fundamental referente a fé ou religião. Esse temor, que não é um medo servil, mas, ao contrário, contém um componente de reconhecimento da glória e da majestade de Deus associado à fé (cf. Sl 130.4), será apreendido por Israel à medida que ele assiste às nações reconhecerem o seu Deus e os seus atos divinos de redenção e juízo. No caso de Raabe, tal reconhecimento levou à sua salvação; no caso dos seus concidadãos cananeus esse mesmo reconhecimento levou-os à condenação.

Desse modo, o propósito e o sentido do milagre da travessia são claramente estabelecidos e podem ser compreendidos pelos futuros leitores do livro de Josué.